

# OMNIA SAÚDE

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)  
[www.fai.com.br](http://www.fai.com.br)

CORTELO, Fernando Marcio; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos.  
Pai ouvinte – filho surdo: um olhar para aspectos da comunicação. Omnia  
Saúde, v.10, n.1, p.01-09, 2013.

ISSN versão Online 2236-188X  
ISSN versão Impressa 1806-6763

Recebido em: 16/06/2013  
Revisado em: 28/10/2013  
Aceito em: 03/11/2013

## **PAI OUVINTE – FILHO SURDO: UM OLHAR PARA ASPECTOS DA COMUNICAÇÃO**

### **HEARING FATHER – DEAF CHILD: FOCUS ON COMMUNICATION**

**Fernando Marcio Cortelo**

Mestre em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação (FCM/UNICAMP)

**Maria de Fátima de Campos Françaço**

Doutora em Saúde Mental (FCM/UNICAMP)

#### **RESUMO**

Neste artigo discutimos sob a ótica paterna, aspectos relativos à comunicação estabelecida entre pai-ouvinte e filho-surdo. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa em que foram ouvidos cinco genitores, cujos filhos tinham diagnóstico de surdez. Para a coleta dos dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, realizada individualmente. Os relatos foram gravados, transcritos e tratados por meio da análise de conteúdo, em seguida discutidos a luz da literatura. Os resultados apontaram grande dificuldade dos pais em se comunicar com os filhos surdos. Longos horários de trabalho e a não aprendizagem da língua brasileira de sinais (LIBRAS) surgem como fatores que geram distanciamento entre pai e filho, dificultando as trocas comunicacionais. Sugere-se que profissionais da saúde envolvidos com a reabilitação da criança surda envolvam os pais no processo, especialmente no que concerne ao aprendizado da LIBRAS.

**Palavras-Chave:** Paternidade; surdez; comunicação.

#### **ABSTRACT**

This paper focuses on aspects of communication among hearing fathers and deaf children, taking into account the fathers' views. A qualitative approach of investigation was conducted and the participants were five hearing fathers of deaf children. A semi-structured interview was used to collect data. The interview content was taped, transcribed, assembled into analytical categories and then discussed. The results showed that the fathers have difficulties to communicate with their deaf children. Long working hours and low proficiency in Sign Language are factors that contribute to fathers less involvement with the child and to difficult parent-child communication. We suggest to the professionals who work with deaf children that they involve fathers in the rehabilitation process, especially to the learning of Brazilian Sign Language.

**Key Words:** Fatherhood; Deafness; Communication.

## INTRODUÇÃO

A audição desempenha um papel de fundamental importância na vida dos indivíduos, através dela o indivíduo entra em contato com o mundo sonoro e com as estruturas da língua, que possibilitam o desenvolvimento de um código estruturado, próprio da espécie humana. A língua oral é o principal meio de comunicação entre os seres humanos e dessa forma a audição participa efetivamente nos processos de aprendizagem de conceitos básicos, até a leitura e a escrita (SANTOS et al. 2003).

Uma perda auditiva pode ser caracterizada pela perda total ou parcial da capacidade de ouvir, manifestando-se como surdez leve, moderada, severa ou profunda. Pode ser causada tanto por fatores ambientais como fatores genéticos e sua ocorrência pode acometer de 1 a 3 de cada 1000 nascidos vivos (NORTHERN e DOWNS, 2005).

Para Lima, Boechat e Tega (2003) a suspeita da surdez ocorre, frequentemente, por volta de 12 a 18 meses de idade da criança, quando os pais percebem que a criança não está falando as primeiras palavras.

É sabido que o pai desempenha um papel de fundamental importância na vida dos filhos. Corneau (1995) explica que essa importância não se circunscreve a períodos específicos do desenvolvimento da criança como apontam alguns estudos psicanalíticos. O autor enfatiza a importância paterna desde os primeiros meses de vida da criança, entendendo a relação pai-filho como um jogo físico, onde o pai toma o filho nos braços e faz com que se espelhe em suas características, construindo assim o importante processo de identificação.

Maldonado (1996) aponta a questão dos cuidados paternos como necessários à sustentação das regras e autoridade que a mãe implanta e, desta forma, há um enriquecimento nas experiências da criança. Salienta ainda que o vínculo entre pai-filho vai se fortalecendo gradualmente após o nascimento da criança, à medida que o pai se dedica ao filho e também oferece apoio e segurança à mãe.

Rossi (2003) observou que desde o nascimento até a suspeita e o diagnóstico da surdez, a relação da família é em geral livre de “culpas”. Vencendo o estresse vivenciado pela chegada do filho e as necessárias adaptações, essa relação passa a ser carregada de afetividade, expressa por beijos, cantigas e brincadeiras, junto a isso os sons e as expressões se constituem numa linguagem e fazem parte da relação comunicativa que se estabelece entre pais e filho. A autora explica que com o diagnóstico da surdez, essa relação muda quase que radicalmente. Os pais, ao terem certeza da surdez do filho, passam a sentir pena da criança, olhando-a com tristeza, tendendo a se culparem, sentindo-se bem pouco a vontade ao brincar com um filho que não escuta. Explica ainda que essa mudança de comportamento altera significativamente a relação e o vínculo com os pais. Tal vínculo precisa ser reconstruído o mais rápido possível para que no futuro não haja danos maiores.

Questões implicadas na proximidade do pai com a criança com algum tipo de deficiência já foram discutidas anteriormente por Luteran (1987), que estudando famílias de crianças surdas, observou que a mãe pode vivenciar sentimentos de culpa pela deficiência do filho, tentando assim reparar os danos e, conseqüentemente, ocupando o lugar do pai

que tende a se afastar. Phares e Compas (1993) também afirmam que os pais não participam suficientemente da vida familiar porque as mães, muitas vezes, não permitem. Canho et al. (2006), apontam que são poucos os estudos que enfatizam a relação pai ouvinte-filho surdo e que na prática, pode-se observar menor participação do pai no processo de reabilitação da criança, além da existência de poucas referências na literatura sobre o impacto da perda auditiva nos genitores masculinos.

A presença do pai no processo de desenvolvimento de uma criança com ou sem algum tipo de deficiência, mostra-se um elemento importante na constituição dos sujeitos. No caso da deficiência acresce-se a necessidade de maior proximidade do pai no que tange a compartilhar os cuidados e acompanhamentos, muitas vezes exaustivos, no processo de reabilitação da criança. Cuidados estes que podem refletir também na dinâmica familiar e na qualidade de vida desses pais (ZERBETO e CHUN, 2013). Estudos que objetivam dar voz aos genitores masculinos de filhos surdos é um campo ainda pouco investigado. Assim, o objetivo desse estudo foi conhecer um pouco mais desse universo e ouvir de pais de filhos surdos suas vivências no que tange à comunicação com seus filhos.

## **METODOLOGIA**

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, que foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP (Parecer n.º 741/2011). Participaram deste estudo cinco genitores cujos filhos possuíam diagnóstico de surdez, estando todos em atendimento no Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto (CEPRE), da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

Foram critérios de inclusão dos sujeitos na pesquisa: ser pai biológico de criança com perda auditiva e que vivenciava a primeira experiência com um diagnóstico de perda auditiva do filho; deveria estar de acordo com as condições da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi critério de exclusão: pai cujo filho apresentasse outros tipos de deficiências associadas à surdez.

O número de participantes da pesquisa foi condicionado ao processo de saturação dos dados. Os pais tinham idades entre 30 e 61 anos e a faixa etária dos filhos variou de 1 a 9 anos de idade. O primeiro contato com o pai foi realizado por telefone e também em dias que os mesmos acompanhavam o filho aos atendimentos no CEPRE.

Para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, utilizando-se um roteiro de questões abertas. Tal roteiro foi testado previamente para se verificar a adequação de suas questões, que versaram sobre aspectos relativos à surdez da criança, em especial, a questão da comunicação.

As entrevistas ocorreram individualmente, foram gravadas e posteriormente transcritas. Os dados de identificação foram coletados por meio de prontuários já existentes no CEPRE. Para manter anonimato dos dados dos sujeitos utilizou-se a letra “P” para designar o participante e números para indicar a ordem de participação no estudo. Após leituras sucessivas do conteúdo das entrevistas, foram elencadas categorias de análise, buscando-se os núcleos de sentido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo elucidaram que os pais nem sempre conseguem acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem do filho na língua brasileira de sinais; em muitos casos observa-se o pai incumbido com o provimento financeiro e o sustento da família:

*“(...) é mais final de semana (sábado e domingo), porque trabalho de segunda a sexta, a gente sai, eu do mais atenção à família (...)” P4.*

A atribuição de papéis e tarefas nas famílias ainda é muito bem delineada a partir da classificação de gêneros. Parafraseando Brasileiro et al. (2002), não só as famílias, mas a economia como um todo, se reflete nas divisões do cuidado infantil entre mães e pais. A institucionalização das diferenças de gênero no mercado de trabalho se traduz pela segregação de ocupações e diferenças salariais, pela discriminação da mulher que engravida e também pelas políticas sociais de apoio à parentalidade. Estes fatores restringem a capacidade de alguns casais de escaparem às divisões tradicionais do cuidado infantil. Isto quer dizer que pelo fato de as mulheres ganharem menos, possuem planos de carreira mais limitados e terem o direito a licenças mais longas do que seus maridos, a opção pela resignação profissional da mulher – seja por interrupção, redução ou abandono de atividades – em prol da maternidade torna-se o caminho mais lógico para os casais. Tal situação pode ser ilustrada na fala de um dos participantes:

*“(...) ela parou de trabalhar e só eu fiquei trabalhando pra poder sustentar a casa e ela poder cuidar dessas outras coisas. Então... ela tem mais disponibilidade de tempo, ela é pedagoga (...)” P3.*

Diante dessas vicissitudes, influenciadas por uma forte herança histórico-cultural, observamos o trabalho como fator que gera distanciamento nos relacionamentos entre pai e filho. Situação que refletida nas necessidades específicas de pais de filho surdo colabora para que se sintam confusos e desorientados quanto aos progressos do desenvolvimento da criança.

Observa-se que o pai que trabalha e provê, torna-se muitas vezes um mero espectador no que tange a educar e acompanhar o desenvolvimento do filho, situação que por si, aparece como fonte desencadeadora de maiores ansiedades, uma vez que ele não tem o domínio da situação, não acompanha o processo do construir e aprender juntos, auxiliando os filhos a vencer barreiras, apontando caminhos e exercendo um papel ativo também nessas atribuições.

O desenvolvimento de uma criança surda demanda uma série de especificidades que a família deve atender. Observamos que à medida que o repertório comunicacional da criança surda se torna mais rico e complexo no uso da LIBRAS, ela vai construindo e significando seu mundo a partir da internalização desses símbolos específicos, que a língua permite. Assim tornam-se ainda maiores as dificuldades de comunicação entre pai e filho-surdo, como ilustra o depoimento desse participante:

*“(...) a preocupação era um meio da gente poder se comunica com a C. Tinha que descobri de alguma forma (...) depois que ela veio crescendo, a gente num sabia como si*

*expressá, conversar com ela, nada... Porque é muito difícil, né? É muito difícil, ah ce... a gente fica nervoso, meio apavorado (...)*” P1.

Podemos inferir em relação a este relato, o quanto um pai pode, se sentir “nervoso e apavorado” como ele mesmo se descreve, tendo que desempenhar diferentes funções e também aprender a língua de sinais, o que facilitaria suas trocas comunicacionais com a filha.

Esses sentimentos paternos diante de situações desconhecidas, conforme expresso por um dos participantes estão em acordo com outros estudos, tal como o de Orsoni (2007), que estudando famílias que possuem filhos surdos observou que o pai relata certo nervosismo por parte de membros da família para com a filha surda, assumindo que ele próprio acaba perdendo a paciência com a mesma, quando ela o solicita. Na concepção da autora, este pai, diante da solicitação da filha, também se confronta com o fenômeno da surdez e com o problema da comunicação, que em certos momentos, tem o sentido de dificuldade ou de incômodo para ele.

Ainda sobre os desencontros na comunicação entre pai ouvinte e filho surdo, não raro observamos a instalação de outras maneiras de comunicação denominada pelos mesmos como “sinais caseiros”, que seria a criação de sinais no dia – a- dia e que viabilizam as trocas de informações e tornam possível um diálogo, pela criação de sinais:

*“(...) às vezes ela começa fazer um sinal lá que eu num sei o que que é, daí eu tenho que me virar da minha maneira né? (...) É esses sinais caseiros que a gente acaba criando (...)*” P2.

Tal situação pode ser interpretada como de natureza ambivalente: eficaz no sentido de permitir a construção de um diálogo entre indivíduos que fazem uso de códigos linguísticos diferentes e ineficaz à medida que não se utiliza tais sinais caseiros com outros indivíduos da cultura surda. No entanto, sobre esse assunto a literatura especializada nos aponta que no cenário das comunicações, há línguas que se cruzam e nem sempre essas misturas podem ser evitadas, apesar do temor que elas provocam, os sinais caseiros são vistos como uma língua em um sentido exclusivamente provisório, quando deveria ser visto como mais uma possível variedade em sinais Silva (2008).

Em acordo aos achados deste estudo, no que se refere à comunicação estabelecida entre membros de uma família com filho surdo, estudos anteriores já apontavam a mulher como a mais apta nesse quesito. Bittencourt e Hoehne (2009) encontraram dados que evidenciam a função da mulher como a responsável pela assistência e cuidados com a saúde dos filhos, também a pessoa que melhor se comunica com os mesmos, tanto pelas características próprias do contato materno como por frequentar o curso de línguas de sinais, situação que se mostra de mão única frente à acentuada divisão de trabalho entre gêneros.

No âmbito das comunicações, na vivência pai ouvinte – filho surdo chama atenção situações em que o pai percebe dificuldades em sinalizar e falar concomitantemente por meio da LIBRAS:

*“(...) eu tenho uma dificuldade de falar junto com sinalizar (...) ou eu falo ou gesticulo em LIBRAS (...)*”P3.

Esta situação nos leva a pensar na carência de momentos destinados a trocas comunicacionais entre os mesmos. Sob essa mesma vertente, Demétrio (2005) verificou que o pai apresenta menos proximidade com o filho, afirmando que o mesmo pode estar menos adaptado ao envolvimento de situações do dia-a-dia por ter um contato mais distante e limitado. Consequentemente vai apresentar menos conhecimentos relacionados à surdez e suas repercussões na vida da criança. O pai, na maioria das vezes, apresenta uma capacidade maior voltada a disciplinar. A natureza de seu relacionamento é menos focada na surdez.

Os pais deste estudo aludiram que educar uma criança com perda auditiva pode ser considerada uma tarefa árdua, pela dificuldade em compreender e ser compreendido:

*“(...) porque muitas vezes ela não entende o que você fala, ai nem tudo ela entende (...)” P2.*

Situação semelhante sobre o panorama das comunicações nas relações familiares pode ser percebida nos estudos de Schemberg et al. (2012), que encontraram dados alarmantes, em que todos os pais de seus estudo interagem com seus filhos surdos por meio da linguagem oral, agindo como se os mesmos fossem ouvintes e esperando dessa forma serem compreendidos.

É sabido e esperado que alguns pais possam de fato se comportar de tal maneira, em especial quando a notícia do diagnóstico é recente, e, nesse sentido, observamos os mais diversificados níveis de negação, uma reação do ego que tenta livrar o indivíduo de uma situação desconfortável, que o agrida ou o exponha a um nível de angústia demasiadamente grande para ser enfrentado naquele momento Hall (1954).

No entanto quando esses mecanismos de defesa persistem por longos períodos de tempo, existe a necessidade de buscar ajuda profissional, uma vez que a longa atuação de mecanismos de defesa pode acarretar prejuízos ao desenvolvimento da criança, ou até mesmo estabelecer uma forma de comunicação inadequada às necessidades da criança surda.

Este fenômeno descrito anteriormente pode ser observado no comportamento de pais participantes deste estudo. Nos casos em que o pai enfrenta maior dificuldade de aceitação da perda auditiva do filho, isso se reflete diretamente nas formas de comunicação estabelecidas. Na tentativa de desenvolver a fala da criança, podem não ser disponibilizados recursos linguísticos apropriados à condição da criança, no caso, a língua de sinais:

*“(...) aquilo que ela não sabe a gente aponta (...) ela tem uma comunicação, tem pouca comunicação (...)” P4.*

O presente relato, refere-se a um pai que recebeu o diagnóstico de surdez da filha havia pouco tempo, encontrando-se em intenso processo de negação, assim seus processos de incompreensão lhe impedem de interagir com a filha a partir do uso da LIBRAS.

Assim inferimos o quão prejudicial se torna a uma criança com perda auditiva os estendidos processos de não aceitação de seus pais. Sacks (1998) entende que não é a surdez responsável pela alienação da criança dos contextos familiares, mas a falta de

possibilidades para que possa inserir-se nos mesmos, pois se a comunicação não pode ser obtida, se a criança não é exposta à língua e ao diálogo apropriado, podem-se verificar todos os reveses: linguísticos, intelectuais, emocionais e culturais.

É significativo o número de relatos em que os pais apontam dificuldades em se comunicar com os filhos, há situações onde os mesmos justificam sua falta de fluência pelo não convívio com outras pessoas surdas, embora se saiba, a partir de seus relatos que o contato com o próprio filho é limitado.

O distanciamento gerado muitas vezes pelo trabalho entre pai e filho assume vicissitudes ainda mais críticas. Os pais relataram que o não domínio da língua de sinais para se trabalhar alguns assuntos com o filho é um fator desencadeador de angústia, logo que nem sempre a situação se resume em vencer barreiras internas como a de tratar determinados assuntos considerados difíceis de lidar. No depoimento a seguir, observa-se uma dificuldade do pai em trabalhar temas mais complexos ao utilizar a LIBRAS:

*“(...) independente da dificuldade que eu tenho de lidar com aquele assunto ou não, eu tenho dificuldade de lidar com a língua de LIBRAS pra lidar, tratar daquilo (...) falar sobre sexualidade? tudo bem! (...) levo numa boa! (...) mas falar sobre sexualidade em LIBRAS aí é uma outra história, como é que eu faço isso?” (P3).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os profissionais envolvidos na reabilitação da criança surda não de se atentar às divisões de trabalho entre pais e mães ainda bastante marcadas por questões de gênero em nossa sociedade. Os profissionais muitas vezes conscientes ou inconscientes acabam por partilhar desse modo de ver as coisas e tão facilmente atribuem à mãe o papel dos cuidados e da reabilitação da criança surda. Ainda que a organização dos papéis traga em seu bojo essa forte herança sócio-histórico-cultural, a consciência da necessidade de envolver o pai nas mais diversas atividades e demandas na relação com um filho surdo pode ser de grande importância. Nesse contexto, a aprendizagem da LIBRAS torna-se fundamental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Z.Z.L.C.; HOHNE, E.L. Qualidade de vida de familiares de pessoas surdas atendidas em um centro de reabilitação. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.14, n.4, p.1235-1239, 2009.

BRASILEIRO, R.F., JABLONSKI B, FÉRES-CARNEIRO T. Papéis de gênero e a transição para a parentalidade. *Psico*, v.33, n.2, p.289-310, 2002.

CANHO, P.G.M.; NEME, C.M.B.; YAMADA, M.O. A vivência do pai no processo de reabilitação da criança com deficiência auditiva. *Estudos de Psicologia*, v.23, n.3, p.261-69, 2006.

CORNEAU, G. Paternidade e masculinidade. In: S. Nolasco (org.), *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco. 1995. (p.43-52).



DEMETRIO, S.E.S. Deficiência auditiva e família. In: BEVILACQUA, M.C.; MORET A.L.M. *Deficiência Auditiva: Conversando com familiares e profissionais de saúde*. São José dos Campos: Pulso, 2005. (p.255-267).

HALL, C.S. *A primer of Freudian psychology*. New York: Mentor, New American Library. 1954.

LIMA, M.C.M.P.; BOECHAT H.A.; TEGA, L.M. Habilitação Fonoaudiológica da surdez: Uma experiência no Cepre/FCM/Unicamp. In: SILVA, I.R; KAUCHAKJE, S. E GESUELI Z.M. (orgs.), *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus, 2003.

LUTERMAN, D. *Deafness in the family*. Boston: Little Brown and Company, 1987.

MALDONADO, M.T. *Nós estamos grávidos*. São Paulo: Saraiva, 1996.

NORTHERN, J.L.; DOWNS, M.P. *Audição na infância*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

ORSONI, L.C.A.M. A produção de sentidos da surdez e de filhos surdos [Dissertação]. Goiás: Universidade Católica de Goiás, 2007.

PHARES, V.; COMPAS, B. Fathers and developmental psychopathology. *Current Directions in Psychological Science*, v.2, p.162-65, 1993.

ROSSI, T.R.F. Mãe ouvinte/Filho surdo: A importância do papel materno no contexto do brincar. In: I.R. SILVA, S. KAUCHAKJE, Z.M. GESUELI (orgs.). *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus, 2003. (p.99-112).

SACKS, O. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, M.F.C.; LIMA, M.C.M.P, ROSSI, T.R.F. Surdez: Diagnóstico audiológico. In: SILVA I.R.; KAUCHAKJE S; GESUELI, Z.M. (orgs.). *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus, 2003.

SILVA, I.R. Quando ele fica bravo, o português sai direitinho; fora disso a gente não entende nada: o contexto multilíngüe da surdez e o (re)conhecimento das línguas no seu entorno. *Trabalhos Linguística Aplicada*, v.47, n.2, p.393-407, 2008.

SCHEMBERG, S.; GUARINELLO, A.C; MASSI, G. O ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.18, p.1, p.17-32, 2012.

ZERBETO, A.B., CHUN, R.Y.S. Qualidade de vida dos cuidadores de crianças e adolescentes com alterações de fala e linguagem. *CoDAS*, v.25, p.2, p.128-134, 2013.